

# CUIDADO É FUNDAMENTAL

Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – UNIRIO

PESQUISA

DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v14.11941

## ATENDIMENTO GINECOLÓGICO À POPULAÇÃO DE HOMENS TRANSGÊNEROS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

*Gynecological care for the population of transgender men in Primary Health Care**Atención ginecológica a la población de hombres transgénero en la Atención Primaria de Salud***Gabriela Aparecida Leonel<sup>1</sup>** **Lucélia Terra Chini<sup>2</sup>** **Paloma Elisama de Oliveira<sup>3</sup>** **Christianne Alves Pereira Calheiros<sup>4</sup>** **Patrícia Scotini Freitas<sup>5</sup>** 

### RESUMO

**Objetivo:** avaliar o atendimento ginecológico à população de homens transgêneros sob a ótica de médicos e enfermeiros da atenção primária. **Método:** estudo transversal e quantitativo, realizado com 36 profissionais de saúde de um município de Minas Gerais, Brasil. Utilizou-se um instrumento contendo questões sobre dados sociodemográficos, formação profissional, conhecimento quanto à temática transgeneridade e sobre os serviços ginecológicos aos homens transgêneros. **Resultados:** a amostra foi 100,00% de cisgêneros, idade média de 31,89±13,43 anos. Destes, 52,77% nunca atenderam transgêneros. Quanto às consultas ginecológicas aos homens transgêneros, 8,33% não acham necessárias, 74,98% não se sentem plenamente preparados para lidar com essa situação e 19,42% não se sentem plenamente confortáveis de atendê-los. **Conclusão:** há despreparo e déficit na formação dos profissionais quanto ao atendimento ginecológico aos homens transgêneros, sendo que deveria estar em conformidade com as demandas e direitos que esta população possui.

**DESCRITORES:** Estratégia saúde da família; Identidade de gênero; Ginecologia; Enfermagem.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Alfenas, Minas Gerais, Brasil

Recebido em: 29/06/2022; Aceito em: 02/08/2022; Publicado em: 30/12/2022

**Autor correspondente:** Patrícia Scotini Freitas, E-mail: patricia.freitas@unifal-mg.edu.br

**Como citar este artigo:** Leonel GA, Chini LT, Oliveira PE, Calheiros CAP, Freitas PS. Atendimento ginecológico à população de homens transgêneros na Atenção Primária à Saúde. *R Pesq Cuid Fundam* [Internet]. 2022 [acesso ano mês dia];14:e11941. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v14.11941>



## ABSTRACT

**Objective:** to evaluate gynecological care for the population of transgender men from the perspective of doctors and nurses in primary care. **Method:** cross-sectional and quantitative study, carried out with 36 health professionals from a municipality in Minas Gerais, Brazil. An instrument was used containing questions about sociodemographic data, professional training, knowledge about the transgender theme and about gynecological services for transgender men. **Results:** the sample was 100.00% cisgender, mean age of 31.89±13.43 years. Of these, 52.77% have never seen transgender. As for gynecological consultations for transgender men, 8.33% do not think they are necessary, 74.98% do not feel fully prepared to deal with this situation and 19.42% do not feel fully comfortable to attend to them. **Conclusion:** there is unpreparedness and deficit in the training of professionals regarding gynecological care transgender men, and it should be in accordance with the demands and rights that this population has.

**DESCRIPTORS:** Family health strategy; Gender Identity; Gynecology; Nursing.

## RESUMEN

**Objetivo:** evaluar la atención ginecológica a la población de hombres transgénero desde la perspectiva de médicos y enfermeros de atención primaria. **Método:** estudio transversal y cuantitativo, realizado con 36 profesionales de la salud de un municipio de Minas Gerais, Brasil. Se utilizó un instrumento que contenía datos sociodemográficos, formación profesional, conocimientos sobre el tema transgénero y sobre los servicios ginecológicos para hombres transgénero. **Resultados:** la muestra fue 100,00% cisgénero, edad media de 31,89±13,43 años. De estos, el 52,77% nunca han atendido a personas transgénero. En cuanto a las consultas ginecológicas para hombres transgénero, el 8,33% no cree que sea necesario, el 22,22% no sabe si es necesario, el 74,98% no se siente preparado para afrontar esta situación y el 19,42% no se siente cómodo para atender ellos. **Conclusión:** existe despreparación y déficit en la formación de profesionales en la atención ginecológica a hombres transgénero, y debe ser acorde a las demandas y derechos que tiene esta población.

**DESCRIPTORES:** Estrategia de salud familiar; Identidad de género; Ginecología; Enfermería.

## INTRODUÇÃO

As desigualdades de acesso à saúde encontram-se como um dos principais problemas a serem enfrentados para que, no Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) possa funcionar conforme seus princípios e diretrizes, uma vez que o acesso à saúde pública por transgêneros não ocorre de forma igualitária aos cisgêneros.<sup>1</sup>

Os indivíduos transgêneros podem identificar-se de forma persistente ou transitória com um gênero divergente àquele atribuído ao nascimento,<sup>2</sup> isto é, correspondem a um grupo diversificado de pessoas cujas identidades de gênero diferem, em diversos graus, do sexo com o qual foram designadas ao nascer.<sup>3</sup> Sendo assim, homens trans possuem corpos inicialmente femininos em vista dos aspectos biológicos, mas se identificam socialmente ao espectro masculino.<sup>4</sup>

À vista disso, sabe-se do elevado índice de transfobia encontrado nos serviços públicos de saúde, marcado pela fragilização, discriminação e preconceito,<sup>5</sup> fazendo com que pessoas transexuais busquem assistência à saúde em último caso, pela forma como são tratadas nos centros de saúde.

As identidades transexuais demandam algumas necessidades em saúde específicas, como a necessidade de alterações corporais para ressignificar o gênero que requerem para si.<sup>1,6</sup> Com enfoque na população de homens trans, estes demandam de uma assistência ginecológica singular, visto que precisam de acompanhamento durante o tratamento hormonal com testosterona, bem como no rastreamento de algumas doenças que podem ocasionar em alguns órgãos femininos, tais como cânceres de mama e de colo do útero. Além disso, compartilham de necessidades comuns a

qualquer pessoa, como a adoção de hábitos de vida saudáveis, prevenção e rastreamento de doenças, tratamento e reabilitação.<sup>3</sup>

A busca tardia por serviços de saúde pode ocasionar prejuízo à saúde desta população, podendo ser evitado caso haja acolhimento e tratamento eficazes na Atenção Primária à Saúde (APS), portanto, a compreensão das necessidades não atendidas de homens trans contribuiria positivamente à uma saúde integral e holística a este grupo.<sup>7</sup>

Sendo assim, enfermeiros e médicos em consultas ginecológicas têm um papel significativo no acompanhamento dessas pessoas.<sup>8</sup>

Porém, apesar da importância da assistência à saúde dos homens trans, há desafios para a garantia do acesso universal ao SUS pela população trans, entre eles: a discriminação nos serviços, a patologização da transexualidade, o acolhimento inadequado, a falta de qualificação dos profissionais, a escassez de recursos para o financiamento dos processos transexualizadores e de políticas de promoção da equidade e, por fim, a falta de respeito às identidades de gênero trans.<sup>9</sup>

A enfermagem, especificadamente, possui uma relevância na assistência aos homens trans, por estar massivamente presente nos serviços de saúde e possuir um alto grau de interação com os usuários, além de construir e sistematizar práticas de cuidado para suas demandas específicas. No entanto, faltam competência, conhecimento e educação para com as pessoas trans e para lidar com transgeneridade na prática da profissão, sendo indispensável aos enfermeiros e demais profissionais da saúde ter o conhecimento das necessidades dos homens trans para prestar um cuidado conforme essa população.<sup>3</sup>

Assim, a motivação para a condução deste estudo foi pautada na necessidade de contribuir para preencher a lacuna sobre a temática, ainda pouco discutida, no sentido de trazer evidências que possibilitam uma assistência focada na perspectiva biopsi-sossocial, na singularidade e individualidade do atendimento e no cuidado holístico à população de homens trans.

Diante deste contexto, o objetivo do presente estudo foi de avaliar o atendimento ginecológico à população de homens transgêneros sob a ótica de médicos e enfermeiros das Estratégias Saúde da Família (ESF) de um município localizado no sul do estado de Minas Gerais, Brasil.

## MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal com abordagem quantitativa, realizado nas ESF localizadas em um município no sul do Estado de Minas Gerais, que, de acordo com a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2020 possuía população estimada em 80.494 pessoas, em uma área de unidade territorial de 850,446 km<sup>2</sup>.<sup>10</sup> O município é referência no quesito saúde para região e para o Estado, contando com três hospitais e 18 ESF inscritas no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES) e uma ESF que não consta no CNES, mas que está em pleno funcionamento.<sup>11</sup>

A população alvo do estudo foram os médicos e enfermeiros que atuam nas 19 ESF de um município localizado no sul do estado de Minas Gerais, que oferecem o serviço de consultas ginecológicas. Vale destacar que os profissionais de três ESF optaram em não participar do estudo.

Para a coleta de dados, foi elaborado um instrumento contendo 24 questões, mediante leitura de manuais do Ministério da Saúde sobre o tema.<sup>12</sup> O instrumento proposto foi dividido em quatro partes, sendo elas: parte I, composta pelos dados de identificação dos participantes, tais como: sexo, idade, estado conjugal, gênero e orientação sexual; a parte II está relacionada com a formação dos participantes, com ênfase nos aspectos relacionados ao atendimento ginecológico e às pessoas transgêneros; a parte III teve intuito de avaliar o conhecimento dos participantes

em relação à temática identidade de gênero; por fim, a parte IV foi relativa aos serviços de saúde aos transgêneros, com enfoque na assistência ginecológica aos homens trans.

A coleta de dados foi realizada no período de fevereiro a novembro de 2021. O instrumento de coleta de dados foi entregue impresso aos médicos e enfermeiros e foi preenchido no momento do encontro, previamente agendado por telefone da unidade. Os dados coletados foram armazenados em planilha do *Software Microsoft Excel* e realizada a técnica de dupla digitação.

Para a análise de dados foram utilizadas medidas como média e desvio padrão para variáveis quantitativas e foram empregadas frequência absoluta (N) e relativa (%) para as variáveis qualitativas.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alfenas sob o parecer: 4.503.256 e Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 40878020.6.0000.5142. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi emitido em duas vias, sendo que uma foi entregue aos participantes, e a outra ficou em posse da pesquisadora. Vale ressaltar que foi garantido o sigilo e anonimato aos participantes. Além disso, considerando o cenário pandêmico, o Termo de Compromisso para Desenvolvimento de Protocolos de Pesquisa no Período da Pandemia do Coronavírus (COVID-19) foi assinado pela pesquisadora responsável, a fim de assegurar as medidas sanitárias para a prevenção nos procedimentos de pesquisa presenciais, garantindo as ações primordiais à saúde, minimizando prejuízos e potenciais riscos, além de prover cuidado e preservar a integridade dos participantes e da equipe de pesquisa.

## RESULTADOS

A amostra foi composta por 36 profissionais de saúde. Com relação às características sociodemográficas, a maioria era do sexo feminino (75,00%), todos cisgêneros e observou-se que a faixa etária predominante foi entre 30 e 39 anos (47,22%) com média de idade de 31,89 e desvio padrão de 13,43 anos. Ademais, a maioria dos participantes eram casados (47,22%) e heterossexuais (94,44%) (Tabela 1).

**Tabela 1** – Caracterização sociodemográfica dos profissionais de saúde. Alfenas, MG, Brasil, 2021

Variáveis	N	%
Sexo		
Feminino	27	75,00
Masculino	9	25,00
Faixa etária		
20 – 29	14	38,88
30 – 39	17	47,22
40 – 49	1	2,77
50 – 59	3	8,33
60 e mais	1	2,77
Estado conjugal		
Solteiros	12	33,33

**Tabela 1 – Cont.**

Casados	17	47,22
Separados	2	5,55
Moram juntos	4	11,11
Divorciado	1	2,77
Gênero		
Mulher	27	75,00
Homem	9	25,00
Orientação sexual		
Heterossexuais	34	94,44
Homossexual	1	2,77
Prefere não comentar	1	2,77

**Fonte:** dos autores.

Em relação à formação e atividade profissional, metade da amostra era de enfermeiros e a maioria dos participantes do estudo possuía curso de pós-graduação *latu sensu* (69,44%), seis (16,66%) possuíam mestrado, apenas dois (5,55%) possuíam doutorado. Dentre os participantes, oito (22,22%) participaram em eventos na área de assistência ginecológica após a formação. Quanto à assistência aos transgêneros na APS, 17 (47,22%) profissionais informaram ter prestado atendimento a um indivíduo transgênero (Tabela 2).

Conforme a Tabela 3, em relação à temática transexualidade, sete (19,44%) profissionais informaram que não sabem a diferença entre gênero e sexo, 23 (63,88%) não conhecem os prefixos “cis” e “trans”, seis (16,66%) não conhecem o termo que designa rejeição/aversão aos transgêneros e três (8,33%) não sabem o que é nome social. Além disso, três entrevistados (8,33%) se consideram nada familiarizados com a temática transexualidade. Dos entrevistados, 23 (63,88%) conhecem o conceito de homem trans e 22 (61,11%) acreditam que é condição de desconformidade corpo-identidade

sobre a qual a pessoa não tem controle. Quanto à necessidade de consultas ginecológica aos homens trans, a maioria dos participantes (69,44%) acha necessária a consulta ginecológica aos homens trans e também a maioria (66,66%) acha que homens trans que optaram em não realizar a cirurgia de redesignação precisam realizar exames de prevenção dos cânceres de mama e colo uterino. Quanto ao atendimento ginecológico aos homens trans, 29 (80,55%) sentem plenamente confortáveis atendendo, porém, 27 (75%) não se sentem plenamente preparados. Apenas um (2,77%) dos entrevistados não conhece e nunca ouviu falar de alguma pessoa transexual e também apenas um (2,77%) participa de alguma associação que trabalhe diretamente com a temática.

## DISCUSSÃO

O presente estudo avaliou o atendimento ginecológico à população de homens transgêneros sob a ótica de médicos e

**Tabela 2 – Formação e atividade profissional da amostra. Alfenas, MG, Brasil, 2021**

Variáveis	N	%
Formação		
Enfermeiro	18	50,00
Médico	18	50,00
Curso de pós-graduação <i>latu sensu</i>		
Sim	25	69,44
Não	11	30,55
Mestrado		
Sim	6	16,66
Não	30	83,33
Doutorado		
Sim	2	5,55
Não	34	94,44
Participação de eventos científicos na área de assistência ginecológica após a sua formação		
Sim	8	22,22
Não	28	77,77
Já prestou atendimento a um indivíduo transgênero		
Sim	17	47,22
Não	19	52,77

**Fonte:** dos autores.

**Tabela 3** – Respostas dos participantes do estudo com relação às terminologias e demais questões sobre transexualidade. Alfenas, MG, Brasil, 2021

Variáveis	N	%
Sabe a diferença entre gênero e sexo		
Sim	29	80,55
Não	7	19,44
Conhece os prefixos “cis” e “trans”		
Sim	13	36,11
Não	23	63,88
Termo que designa rejeição/aversão aos transgêneros		
Homofobia	6	16,66
Transfobia	30	83,33
Sabe o que é nome social		
Sim	33	91,66
Não	3	8,33
Você se considera		
Nada familiarizado com a temática transexualidade	3	8,33
Pouco familiarizado com a temática transexualidade	12	33,33
Razoavelmente familiarizado com a temática transexualidade	17	47,22
Muito familiarizado com a temática transexualidade	4	11,11
Homens trans significa		
Homem que ao nascer foi designado como homem mas se identifica como mulher	13	36,11
Mulher que ao nascer foi designada como mulher mas se identifica como homem	23	63,88
Transexualidade é		
Escolha que a pessoa toma em pertencer a outro sexo	13	36,11
Resultado de experiências de infância/educação	1	2,77
Condição de desconformidade corpo-identidade sobre qual a pessoa não tem controle	22	61,11
Conhece alguma pessoa transexual		
Não, nem nunca ouvi falar	1	2,77
Não, mas já ouvi falar de alguém	3	8,33
Não conheço pessoalmente, mas conheço alguém de vista	5	13,88
Sim, mas raramente estabeleço contato	13	36,11
Sim e mantenho contato	12	33,33
Sim, tenho um familiar transgênero	2	5,55
Acha necessária a consulta ginecológica aos homens trans		
Sim	25	69,44
Não	3	8,33
Não sei	8	22,22
Homens trans que não optaram em não realizar a cirurgia de redesignação precisam realizar exames de mama e especular		
Sim	24	66,66
Não	7	19,44
Não sei	5	13,88
Sentiria confortável atendendo um homem trans		
Plenamente confortável	29	80,55
Parcialmente confortável	5	13,88
Plenamente desconfortável	1	2,77
Parcialmente desconfortável	1	2,77
Sente preparado para lidar com esse tipo de situação		
Plenamente preparado	9	25,00
Parcialmente preparado	20	55,55
Plenamente despreparado	5	13,88
Parcialmente despreparado	2	5,55
Participa de associação que trabalhe com a temática trans		
Sim, participo atualmente	1	2,77
Não	35	97,22

**Fonte:** dos autores.

enfermeiros das Estratégias Saúde da Família. Conforme a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT),<sup>12</sup> todas as pessoas LGBT devem ter acesso aos serviços do SUS, com qualidade e resolução de suas necessidades. Por isso, todos os profissionais componentes da APS têm responsabilidade no cuidado geral e específico de pessoas trans. Com o aumento dessa população, é fundamental que estes profissionais sejam cultural e clinicamente competentes para entender as demandas singulares e específicas de pessoas trans.<sup>13-14</sup>

No que se refere ao conhecimento dos participantes deste estudo sobre as terminologias e demais questões envolvendo a transexualidade, a maioria revela não ter muita afinidade com a temática. Estudo realizado em João Pessoa-PB, Brasil, que teve o objetivo de avaliar o conhecimento dos profissionais de enfermagem acerca da assistência à saúde e políticas públicas relacionadas aos transexuais, também revelou que a maioria dos profissionais entrevistados demonstraram não possuir conhecimento acerca da forma correta de assistência à saúde dessa população específica.<sup>15</sup> Essa deficiência de conhecimento destas terminologias ocorre devido à falta de treinamento e educação continuada com foco em questões relacionadas à essa população.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade,<sup>16</sup> geralmente os cursos de graduação e de ensino técnico não incluem em sua grade curricular as especificidades do cuidado de pessoas trans. Portanto, a Política Nacional de Saúde Integral LGBT recomenda a educação permanente que inclua a livre expressão sexual, assim como identidade de gênero e de orientação sexual nos sistemas de informação em saúde, além do incentivo a participação de associações relacionadas à temática, o aprimoramento do Processo Transexualizador e a implementação do protocolo de atenção contra a violência à essa população.<sup>12</sup>

Esforços mundiais e nacionais têm sido empregados no sentido de instrumentalizar os profissionais de saúde na assistência às pessoas transgênero. Em 2012, foram publicadas as “Normas de atenção à saúde das pessoas trans e com variabilidade de gênero” pela Associação Mundial Profissional para a Saúde Transgênero;<sup>17</sup> em 2015, a Universidade Aberta do SUS lançou o curso online “Políticas de Saúde LGBT” para os profissionais de saúde.<sup>18</sup> Portanto, cabe aos gestores de saúde, promover o incentivo à qualificação destes profissionais.

Homens trans que não fizeram cirurgia para remoção do colo do útero precisam continuar com os cuidados à saúde sexual, como exames citopatológico do colo uterino com a mesma frequência que as mulheres cisgêneros, visto que apresentam fatores de risco relacionados a seu estilo de vida.<sup>19-22</sup> Segundo pesquisa realizada nos Estados Unidos da América (EUA), as populações LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexo e assexuais) apresentam as maiores taxas de uso de tabaco, álcool e outras drogas e possuem alta prevalência

de HIV (vírus da imunodeficiência humana) e outras infecções sexualmente transmissíveis.<sup>23</sup>

Quanto ao rastreamento de câncer de mama nesta população, a ausência de política pública de saúde para o rastreio e a falta de capacitação dos profissionais ocasionam negligência no fator de prevenção, detecção e tratamento.<sup>24</sup> Portanto, com a falta de diretrizes específicas a essa população, recomenda-se que homens trans não submetidos à mastectomia bilateral ou apenas à redução de mamas, realizem mamografia anual entre 45 e 55 anos e após essa idade mamografias bienais, desde que não tenham queixas e estejam em boas condições de saúde. Para aqueles que realizaram a mastectomia bilateral, não há necessidade de realizar mamografia.<sup>21</sup>

Nestes quesitos supracitados, a maioria dos profissionais desta pesquisa acha necessário realizar consultas ginecológicas aos homens trans e concorda que aqueles que optaram em não realizar a cirurgia de redesignação precisam manter os exames especular e de mamas de rotina. Os dados entram em conformidade com o estudo realizado com prestadores de serviços de obstetrícia e ginecologia dos EUA, no qual relata que 88,70% e 80,40% estavam dispostos a realizar exames citopatológico do colo uterino e exames de mama de rotina em homens trans, respectivamente.<sup>25</sup>

Apesar disso, 74,98% dos participantes deste estudo não se sentem plenamente preparados e 19,42% não se sentem plenamente confortáveis para o atendimento ginecológico a esta população. De acordo com o estudo realizado nos EUA,<sup>26</sup> que teve como objetivo avaliar as experiências em saúde LGBTQ de residentes de obstetrícia e ginecologia, 76,00% se sentiram despreparados para cuidar de pacientes transgêneros. Além disso, os residentes do estudo mencionam déficit na educação e treinamento na prestação de cuidados de saúde à comunidade LGBT, uma vez que 63,00% dos participantes afirmaram que seus programas dedicam de 1 a 5 horas por ano ao treinamento em saúde de transgêneros.

Cabe destacar que é de extrema importância o envolvimento dos profissionais de saúde no cuidado integral à saúde da população transgênero, visto que se encontram em uma posição ímpar para fornecer uma avaliação adequada, educação em saúde e apoio a essas pessoas, além de exercer atividades de promoção à saúde e prevenção de agravos e doenças em diversos contextos.<sup>3,27</sup> Nesse caso, a enfermagem é fundamental para o desenvolvimento das práticas de cuidados ginecológicos para a população de homens trans, especialmente na consulta de enfermagem, onde é possível ouvir as demandas e avaliar as condições de saúde físicas e psicoemocionais.<sup>28</sup>

Aponta-se como limitação do estudo o fato de ter sido realizado em um único município, uma vez que das 19 ESF do município que atendem consulta ginecológica, três não participaram. Portanto, sugere-se a condução de novos estudos, em outros locais, com diferentes delineamentos, inclusive pesquisas longitudinais sobre a temática aqui abordada.

## CONCLUSÃO

Os resultados permitiram identificar que a população em estudo ainda possui grande déficit na formação ao atendimento à população trans, sendo despreparados especialmente quanto à consulta ginecológica na APS em homens transgêneros. Essa deficiência pode ser resolvida quando os profissionais possuírem contato direto desde sua graduação e com constante capacitação acerca da temática, para viabilizar o rompimento de paradigmas inerentes à sociedade heteronormativa baseada nos padrões dominantes ligados aos serviços de saúde.

Além disso, os profissionais de saúde, principalmente a equipe de enfermagem, por ser o primeiro contato com a população na APS, precisam ter conhecimento e atender essa população de maneira humanizada, conforme suas demandas e de acordo com os direitos que possui. Ao reconhecer todas as necessidades de saúde dos homens trans, os profissionais estarão de acordo com os princípios do SUS, quanto à integralidade, universalidade e equidade do cuidado.

Sendo assim, este estudo indica a importância de que sejam ampliadas as produções científicas sobre práticas de cuidados ginecológicos aos homens transgêneros, voltadas para a APS, a fim de preencher as lacunas de conhecimento nesta área de pesquisa. E, ainda, aprofundar a compreensão das demandas e necessidades específicas desta população, bem como o papel dos profissionais de saúde nas práticas de cuidado.

## REFERÊNCIAS

- Pardini BA, Oliveira VH. Vivenciando a transexualidade: o impacto da violência psicológica na vida das pessoas transexuais. *Psic. Sab. e Prát.* [Internet]. 2017 [acesso em 07 de julho 2022];1(1). Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/psicologiasaberes&praticas/sumario/60/12122017145609.pdf>
- Ristori J, Cocchetti C, Romani A, Mazzoli F, Vignozzi L, Magg M, et al. Brain sex differences related to gender identity development: genes or hormones? *Int J Mol Sci.* [Internet]. 2020 [cited 2022 jul 07];21(6). Available from: <https://doi.org/10.3390/ijms21062123>
- Rosa DE, Carvalho MVE, Pereira NR, Rocha NT, Neves VR, Rosa AS. Assistência de Enfermagem à população trans: gêneros na perspectiva da prática profissional. *Rev Bras Enferm.* [Internet]. 2019 [acesso em 07 de julho 2022];72(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0644>
- Solka AC, Antoni C. Homens trans: da invisibilidade à rede de atenção em saúde. *Rev. Saúde e Desenv. Humano.* [Internet]. 2020 [acesso em 07 de julho 2022];8(1): 07-16. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18316/sdh.v8i1.4895>
- Oliveira GS. Transfobia, racismo e suas implicações na saúde de pessoas transexuais negras: transgressão do pensar a partir do âmbito do SUS [Graduação em Serviço Social]. Salvador (Brasil): Universidade Federal da Bahia; 2019. [acesso em 07 de julho 2022]. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29099>
- Pereira LBC, Chazan ACS. O acesso das pessoas transexuais e travestis à Atenção Primária à Saúde: uma revisão integrativa. *Rev Bras Med Fam Comunidade.* [Internet]. 2019 [acesso em 04 de fevereiro 2022];14(41). Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/1795>
- Joseph A, Cliffe C, Hillyard M, Majeed A. Gender identity and the management of the transgender patient: a guide for non-specialists. *JR Soc Med.* [Internet]. 2017 [cited 2022 jul 07];110(4). Available from: <https://doi.org/10.1177/0141076817696054>
- Chrisostomo KR, Sobreiro BP, Chrisostomo ER, Nisihara RM. O que o profissional da saúde precisa saber a respeito do atendimento às pessoas transexuais ou transgênero. *Medicina (Ribeirão Preto)* [Internet]. 2021 [acesso em 07 de julho 2022];54(4). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/180051>
- Rocon PC, Wandekoken KD, Barros MEB de, Duarte MJO, Sodré F. Acesso à saúde pela população trans no Brasil: nas entrelinhas da revisão integrativa. *Trab. Educ. Saúde.* [Internet]. 2020 [acesso em 07 de julho 2022];18(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00234>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil). Cidades e Estados (Alfenas) [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2020 [acesso em 04 de fevereiro 2022]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/alfenas.html>
- Ministério da Saúde (Brasil). CNES: Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde [Internet]. Brasília; 2020 [acesso em 04 de fevereiro 2022]. Disponível em: <http://cnes.datasus.gov.br/pages/estabelecimentos/consulta.jsp>
- Ministério da Saúde (Brasil). Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília; 2013 [acesso em 04 de fevereiro 2022]. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_saude\\_lesbicas\\_gays.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf)
- Borges MC, Passos MAN. A importância do atendimento humanizado da equipe de enfermagem no cuidado de pacientes trans. *Revista JRG.* [Internet]. 2021 [acesso em 04 de fevereiro 2022];4(8). Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/205>
- Dendrin ML, Budrys NM, Sangha R. Addressing the needs of transgender patients: how gynecologists can partner in their care. *Obstet Gynecol Surv.* [Internet]. 2019 [cited 2022 jul 07];74(1). Available from: <https://doi.org/10.1097/OGX.0000000000000633>

15. Fernandes M, da Silva W, Tolentino T, Araújo M, Joventino M, Silva P. Conhecimento de profissionais de enfermagem acerca da assistência à saúde dos transexuais. *RCSNE*. [Internet]. 2019 [acesso em 04 de fevereiro 2022];17(2). Disponível em: <https://revista.facene.com.br/index.php/revistane/article/view/110>
16. Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade (SBMFC). O atendimento de pessoas trans na Atenção Primária à Saúde [Internet]. 2020 [acesso em 04 de fevereiro 2022]. Disponível em: <https://www.sbmfc.org.br/noticias/o-atendimento-de-pessoas-trans-na-atencao-primaria-a-saude/>
17. World Professional Association for Transgender Health (WPATH). Normas de atenção à saúde das pessoas trans e com variabilidade de gênero. [Internet]. 2012 [acesso em 04 de fevereiro 2022]. Disponível em: [https://www.wpath.org/media/cms/Documents/SOC%20v7/SOC%20V7\\_Portuguese.pdf](https://www.wpath.org/media/cms/Documents/SOC%20v7/SOC%20V7_Portuguese.pdf)
18. Ministério da Saúde (Brasil). UNA-SUS: Curso Política Nacional de Saúde Integral LGBT já possui mais de 6.500 inscritos. [Internet]. 2015 [acesso em 04 de fevereiro 2022]. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/curso-politica-nacional-de-saude-integral-lgbt-ja-possui-mais-de-6500-inscritos>
19. Berner AM, Connolly DJ, Pinnell I, Wolton A, MacNaughton A, Challen C, et al. Attitudes of transgender men and non-binary people to cervical screening: a cross-sectional mixed-methods study in the UK. *BJGP*. [Internet]. 2021 [cited 2022 jul 07];71(709). Available from: <https://doi.org/10.3399/BJGP.2020.0905>
20. Gatos KC. A Literature review of cervical cancer screening in transgender men. *NWH*. [Internet]. 2018 [cited 2022 jul 07];22(1). Available from: <https://doi.org/10.1016/j.nwh.2017.12.008>
21. Sterling J, Garcia MM. Cancer screening in the transgender population: a review of current guidelines, best practices, and a proposed care model. *Transl Androl Urol*. [Internet]. 2020 [cited 2022 jul 07];9(6). Available from: <https://doi.org/10.21037/tau-20-954>
22. Weyers S, Garland SM, Cruickshank M, Kyrgiou M, Arbyn M. Cervical cancer prevention in transgender men: a review. *BJOG: An International Journal of Obstetrics and Gynaecology*. [Internet]. 2020 [cited 2022 jul 07];128(5). Available from: <https://doi.org/10.1111/1471-0528.16503>
23. Office of Disease Prevention and Health Promotion (ODPHP). Lesbian, gay, bisexual, and transgender health. *Healthy People 2020* [Internet]. 2020 [acesso em 04 de fevereiro 2022]. Disponível em: <https://www.healthypeople.gov/2020/topics-objectives/topic/lesbian-gay-bisexual-and-transgender-health>.
24. Carvalho MS, Santos MTS, Silva PTH, Gomes JP, Silva PM, Albuquerque GC, et al. Desafios do rastreamento do câncer de mama em transgêneros. *RSD*. [Internet]. 2021 [acesso em 04 de fevereiro 2022];10(9). Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17772>
25. Unger CA. Care of the transgender patient: a survey of gynecologists' current knowledge and practice. *J Womens Health (Larchmt)*. [Internet]. 2015 [cited 2022 jul 07];24(2). Available from: <https://doi.org/10.1089/jwh.2014.4918>
26. Guerrero-Hall KD, Muscanell R, Garg N, Romero IL, Chor J. Obstetrics and gynecology resident physician experiences with Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender and Queer healthcare training. *Med Sci Educ*. [Internet]. 2021 [cited 2022 jul 07];31(2). Available from: <https://doi.org/10.1007/s40670-021-01227-9>
27. Crespo IB, Almudéver CL. Personas con reasignación de sexo: un reto para la enfermería. *Index Enferm*. [Internet]. 2020 [cited 2022 fev 04];29(1-2). Disponible en: [http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1132-12962020000100008&lng=es](http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1132-12962020000100008&lng=es)
28. Frazão MGO, Lopes ET, Couto SIS, Silva LGF, Mousinho MGCP, Araújo MCS, et al. Assistência de enfermagem à saúde da mulher na Atenção Básica: uma revisão da literatura. *Res., Soc. Dev*. [Internet]. 2022 [acesso em 07 de julho 2022];11(5). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i2.25655>